

Funções sonhantes da mente desenvolvidas em análise

Gisèle de Mattos Brito¹, Belo Horizonte

RESUMO: A autora parte de uma experiência clínica inusitada e se propõe pensar alguns conceitos presentes na obra de Bion como o sonhar, o ser e tornar-se a realidade.

Destaca seu prazer e curiosidade pela clínica psicanalítica e que, em seu entender, é uma aventura extraordinária, por participar, junto a nossos pacientes, de experiências emocionais que evoluem e ganham sentido à medida em que vão sendo vividas, sonhadas e transformadas.

PALVRAS-CHAVE: sonho-a-dois, ser e tornar-se a realidade, dimensão de O, dimensão de K, *at-one-ment*.

Parto de uma experiência clínica ímpar, vivida por mim recentemente, e que me ajudou a pensar algumas ideias que compartilho a seguir. Penso que essa experiência destaca que é trabalhando a situação presente que o inconsciente emerge e evolui. Neste sentido, só tomo contato com a realidade sendo a realidade, ou seja, todo conhecimento e informação precisa ser vivido na experiência.

Esse legado devemos inicialmente a Freud. Ele descobriu que era necessário uma vivência na transferência para se atingir o conhecimento. Ficou no campo de K. O campo de Bion, por outro lado, chama a atenção para os fenômenos de transformações presentes no aqui agora da relação analítica, algo que está acontecendo na relação dos dois e que pode tornar-se a realidade.

1. Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG).

Na sala de análise

Primeiramente gostaria de contextualizar a situação. Na noite anterior a essa sessão, recebi um telefonema de uma amiga próxima. Ela me disse que o filho de uma amiga comum havia morrido em um acidente de helicóptero. Ele era o piloto, morreram mais duas outras pessoas. Comunicou-me que o helicóptero havia caído perto de Ouro Preto. O acidente ocorreu por mal tempo, havia um denso nevoeiro...

O impacto e a dor que senti foram imensas. Eu dormi muito mal e no dia seguinte, pela manhã, cancelei todos os pacientes para ficar com minha amiga. Os corpos ainda não tinham sido resgatados. Minha amiga estava na cama em profundo desespero. Fiquei toda a manhã envolvida num clima de dor e sofrimento.

Comecei a trabalhar no meio da tarde. Minha primeira analisanda trouxe a situação que relato a seguir:

Busquei-a na sala de espera. Como de costume, nos cumprimentamos e vejo que me olha atentamente. Relatou-me que quando me viu sentiu que eu estava triste.

Ficamos em silêncio por algum tempo. E ela disse:

“Sonhei que estava no meio de uma névoa, tipo essas de inverno mesmo, brancas... Era lá em Ouro Preto, e eu ficava preocupada em não achar o caminho certo porque ficava difícil enxergar, no meio daquilo tudo. Mas aí meu pai apareceu segurando umas malas, mostrando o caminho e indo na minha frente. Ele ia andando por cima das casas, pulando de telhado em telhado e eu ficava achando aquilo tão perigoso e ao mesmo tempo sentia medo de perder uma chavinha que eu segurava na mão. Mesmo assim eu fui atrás dele. Até que eu cheguei num hospital, e lá dentro estava a Mariana (minha amiga) e a Maria Inês (mãe dela), todas duas médicas, cuidando de um homem todo ferido que sangrava muito. A Maria Inês olhava e cheirava a blusa dele pra ver se tinha cheiro de álcool, buscava saber se o acidente tinha acontecido porque ele estava alcoolizado. Já a Mariana ficava cuidando dos ferimentos dele e eu falava: Não,

Mariana! Não encosta nele! Você está sem luvas, sem proteção nenhuma, vai ficar sangue grudado embaixo da sua unha. E parecia, Gisèle, que minha preocupação era dela tocar nele e ficar sangue grudado nela”.

Faz algum comentário sobre a sessão do dia anterior e comenta que achava que esse sonho “tinha algo a ver com uma sensação de que estávamos numa névoa, sem enxergar muito bem o que tinha do lado de lá”.

À medida em que contava o sonho, eu comecei a tremer, fui ficando arrepiada, assustada, impactada. Senti medo e as lágrimas desciam incontidas. Perguntava-me: O que é isso? Tentei me recompor aos poucos. A paciente estava em silêncio. Passado bons minutos, eu disse algo mais ou menos assim:

“Tenho a impressão de que está podendo sonhar uma experiência que desperta medo e dor no contato com o desconhecido. Um desconhecido que não sabemos muito bem o que é, mas que desperta um medo de morte. Por outro lado, parece-me estar sendo capaz de sonhar a dor e o sofrimento que estou vivendo desde ontem à noite”.

Então eu contei a ela sobre o acidente em Ouro Preto, com a morte do filho de minha amiga e as condições em que ocorreu: o mau tempo, nevoeiro denso e que os corpos estavam sendo resgatados, naquele momento. A analisanda não sabia sobre esse acidente. Conto que havia estado com a mãe dele toda a manhã. A paciente se emociona e manifesta seus sentimentos e fala da perplexidade que estava sentindo em me ouvir. Mostra-me que estava arrepiada. Fala da tristeza que estava observando em mim, desde o momento em que me viu na sala de espera.

Conversamos sobre o fato de que nós vivemos experiências, emoções que nos aproximavam da vida e da morte. E muitas vezes essas experiências nos contaminam, nos inundam e despertam muito medo. Onde estamos? Para onde vamos?

Ressalto que estávamos podendo ter contato, por outro lado, com algo impactante, assustador, mas de grande beleza. Estávamos podendo ter contato com emoções profundas na análise, e como na vida, não havia garantias, estávamos expostas a emoções explosivas.

A paciente acena com a cabeça afirmativamente. Sinto-me vivendo com ela um momento de profunda dor e beleza! Sim, a beleza de um encontro compartilhado, denso, vivo, *at-one-ment*. Experimento um profundo sentimento de gratidão pela paciente. Estávamos ali em meio a sangue, lágrimas, dor da perda, vida e morte, cuidando juntas! Conseguiríamos manter a chave, a análise preservada?

Recordo-me, neste momento, de recente entrevista ao jornal O Estado de São Paulo, no dia 2 de setembro, em que o escritor/poeta Ferreira Gullar faz uma reflexão do que, a seu modo, seria a poesia:

“ ... a poesia como vejo, nasce do espanto, de alguma coisa que me surpreende e que você tem necessidade de comunicar aos outros. Acredito que, se me comovo, outros também vão se comover. Minha preocupação é chegar a dizer aquilo que foi novo na vida, que experimentei ali. O acaso é decisivo não só na vida pessoal, mas também na arte. Quando vou escrever um poema, a folha surge em branco, ainda não sei o que vai surgir ali. Qualquer coisa pode acontecer, a probabilidade é total porque a página está em branco. Quando coloco a primeira palavra, reduz a probabilidade, agora já não é o acaso. Quando se escreve o primeiro, o segundo verso, aí o poema vai deixando de ser fruto da probabilidade e do acaso e vai se tornando necessário. Ele próprio começa a determinar o que entra ali ou não. Você não sabe o que vai resultar daquilo. É um jogo entre acaso e necessidade. Há quem acredite que os poetas sofrem muito para escrever. Não é verdade - no momento da escrita, surge uma felicidade. Escrever é uma alquimia, pois transformo sofrimento em alegria, em beleza, em emoção que o outro vai sentir. Dizem que a arte revela a vida. Penso o contrário; a arte inventa a vida. Hamlet só existe na peça de Shakespeare. E existe porque, quando leio, ele renasce, alguma coisa é acrescentada. A “Noite Estrelada”, de Van Gogh, é uma noite a mais que ele acrescentou às milhares de noites que existem no universo. ...quando releio Elliot, Rilke, Drummond, me parece que estou lendo pela primeira vez, com prazer da descoberta”.

Ferreira Gullar consegue expressar de forma simples e direta o porquê

escrever poesia. Guardadas as diferenças, identifico em seu prazer em escrever meu prazer em clinicar e procuro nomear e comunicar, por necessidade, uma experiência de espanto, busco compartilhar com vocês algo que foi tão novo para mim, que desta forma não havia vivenciado em sala de análise. Escrever essa experiência é também uma alquimia, um processo de transformação e, como a arte inventando a vida, promove crescimento mútuo entre analista e analisanda.

Essa experiência possibilitou vários desenvolvimentos em nosso trabalho. O ponto que desejo enfatizar recai sobre a capacidade sonhante do par analítico na sala de análise. Minha impressão é a de que através deste contato direto com o sonho, a analisanda buscou sonhar um sofrimento ligado à morte, perdas. Seu medo de ser contaminada com emoções explosivas e, de alguma forma, ser tragada para um desconhecido ameaçador é expresso.

Pergunto: O que estaria sendo ameaçador para a dupla? A percepção de um contato direto com a realidade? Com o inconsciente e a comunicação inconsciente do par?

Penso que ela buscou, com sua intuição e sensibilidade, uma aproximação ao sofrimento da analista. Entretanto, assusta-se, teme se contaminar.

O sonho emerge no campo como uma tentativa de elaboração dessas angústias e gera conhecimento desprovido de memória e desejo de compreensão. Um conhecimento que evoluiu de O a K, um contato com a verdade vivida e construída pela dupla, no aqui e agora da sessão de análise. Algo que Bion parece-me destacar em Atenção e Interpretação.

O psicanalista está interessado em O, que é incomunicável a não ser através da atividade de K. Pode parecer que K depende de uma evolução de O-K. Pode parecer possível estar-uno-a O por meio da transformação de K-O; mas isso não é assim. A transformação O-K depende de livrar K de memória e desejo (pg. 45).

Analista e analisando transitam, dentro da relação continente e conteúdo, entre o conhecer e o ser e podem ter um contato direto com a verdade, com a realidade, como penso ter se passado com analista e analisanda no

fragmento acima descrito. A analisanda teme perder a chavinha no sonho (a analisanda tem a chave da sala de espera da analista). Penso que a mesma simboliza o encontro com a analista e a possibilidade de manutenção da análise, como um continente para que o tornar-se a realidade, para que o ser a realidade, possa ganhar vida e ser sustentado pelo par analítico.

Grotstein (2003) postula:

O Sonhador que Sonha o Sonho é o Inefável Sujeito do Ser; o qual, enquanto registrador da dor, descontentamento ou sensação de ameaça iminente, envia uma gritaria na forma de mensagens imagéticas projetadas para dentro do contedor Sonhador que Compreende o Sonho, cuja rêverie, tal como aquela da mãe de um bebê, capta o tormento e o transforma em significado. A mãe continente internalizada e sua rêverie se tornam o Sonhador que Compreende o Sonho (P.60).

Essa operação, se bem sucedida, permite ao bebê introjetar um casal pensante. Para Grotstein, *o sujeito inefável é o sensor inconsciente (P.61).*

Ogden diz o seguinte:

Acredito que a criação de um processo analítico depende da capacidade do analista e do analisando de se envolverem em uma troca dialética de estados de rêveries (Bion, 1962) que são, ao mesmo tempo, privativos e inconscientemente comunicativos (1997, p.108).

Analista e analisando como Sonhadores que Sonham o Sonho e que compreendem o Sonho, em uníssono, desenvolvem uma matriz capaz de acolher emoções intensas e desconhecidas para ambos. Como assinala Grotstein (2003):

“Verdade ou Realidade se torna novo escritor no lugar do próprio indivíduo” P.62.

Aqui entre nós, Cassorla (2015) em belíssimo trabalho sobre “O Campo Analítico como Campo do Sonhar”, destaca:

“Analista e analisando sonham a sessão analítica”, ou “a dupla analítica sonha sonhos e não-sonhos que fazem parte do campo analítico”, ou ainda: “o campo analítico sonha os sonhos e não-sonhos que o constituem”. E mais: “O sonho noturno que surge no campo analítico

é relatado ao analista através de outro sonho, um sonho acordado que o analisando está sonhando estimulado pelas experiências emocionais que estão sendo sonhadas no aqui-e-agora. O analista também sonha as experiências emocionais que estão ocorrendo enquanto se deixa envolver pelo sonho do analisando”.

Penso que as funções sonhantes desenvolvidas em análise estão diretamente relacionadas à capacidade de analista e analisando de usarem sua intuição e condição para acolher suas impressões - “*impressions*”, o que Bion chamou de ‘*feelings*’ (1967), nossa apreensão de experiências emocionais, e permitir que essas evoluam.

Como destaquei em trabalho anterior (2013), esse engajamento se dá no encontro profundo, íntimo e apaixonado entre duas mentes. É um encontro entre a verdade e a beleza. Como bem descreve Meltzer (1995) citando Keats: O belo é a verdade, a verdade é a beleza. Sofremos um impacto estético com a beleza do mundo, com a presença viva do outro e esse impacto pode gerar um conflito. Entretanto, como bem aponta a colega Marta e Silva (2013), para conhecer precisamos nos deixar sofrer, ser afetados, trabalhados pelas nossas emoções. Essas emoções moduladas pela paixão, propiciam as experiências emocionais no contato íntimo com outra mente, gerando o conhecimento profundo de nós mesmos e do outro.

Hartke (2009), em belíssima conferência de encerramento do Congresso de Bion, em Boston, referindo-se à “Turbulência Psicológica” em seu sentido mais profundo e radical, disse:

Eu a concebo como uma espécie de vertigem psíquica associada ao salto no escuro em direção a O e ao contato em si com O, que necessita ser contida para que ocorra a “mudança do aprendizado ao crescimento”, conforme diz o subtítulo de Transformações (1965). E ainda: Para Bion (1965), o motivo fundamental de todas as resistências é justamente o temor à Turbulência Psicológica desencadeada pela ameaça da Transformação em O. Por isso mesmo, a maturação é temida e detestada... Pg. 5.

A pessoa toma inúmeras medidas para se afastar do contato com a verdade, com O, como uma tentativa de escapar da dor mental e turbulência

que esse ‘salto no escuro em direção a O’ desperta. Por outro lado, quando é possível navegar em mar turbulento e incerto, adentrando no desconhecido de si mesmo e acolhendo as percepções e ideias novas que emergem na relação analista e analisando, a pessoa poderá alcançar um grau de maturação que Bion correlaciona ao tornar-se si mesmo e que possibilita crescimento mental.

Minha impressão é de que analista e analisanda, nesse momento, mergulham no escuro, sentem a dor, sofrem a dor (Bion, 1970) e, por um lado, aprendem com o sofrimento. Expõem-se à vivência de turbulência que evolui para um crescimento e conhecimento na vivência de transformação de O→K.

Em recente trabalho intitulado *“Intuiting the truth of what’s happening: On Bion’s Notes on Memory and Desire”* (2015), Ogden diz que, em seu entendimento, as interpretações analíticas do inconsciente repousam muito mais na intuição do analista, em sua capacidade de estar junto ao paciente - *at-one-ment* - do que em suas observações empíricas. E ainda, como aponta Levine (2015), em trabalho que aproxima verdade e psicanálise. A verdade é equiparada à realidade, à realidade psíquica, à realidade psíquica inconsciente, a O. (Pg.5).

Antonino Ferro, em seu trabalho *Realidade e Ficção* (2014), diz que os hologramas afetivos “são o resultado da transformação em sonho do que é dito, feito, experimentado pelas mentes do analista e do paciente, formando uma espécie de mente grupal que desconcretiza e desrealiza as comunicações, transformando-as em uma cena onírica que ganha vida no consultório e que leva ao desenvolvimento dos instrumentos para pensar”. Comenta: “como se o terceiro analítico de Ogden fosse diluído em uma narrativa onírica do funcionamento das duas mentes” (Pg. 2).

Esse encontro de duas mentes - uno-a, favorece que os pensamentos evoluam de emoções intensas, impactantes e emergjam no campo, despertando toda a criatividade da dupla e esforço para conter e apreender com a experiência.

Iniciei esse trabalho destacando a experiência extraordinária que é ser

analista, mas ainda antes disto é estar vivo e viver intensamente.

Termino com o poema de Rodrigo Boccoli:

Ah nossa vida.

Ah nossa vida... Esta aventura ilógica.

Esta magnitude incontrolável das coisas.

Esta inquietude que pensei, passava aos doze.

Esta esperança incessante.

Esta carência vacilante.

Ah nossa vida... Que voa, não passa.

Que muda, magoa.

Que agradece, que te esquece.

Os medos, os meios, os instantes.

O amor e sua figura esquiva e inebriante

Nossos sonhos perpétuos, mutantes.

De manter-se são, de firmar no chão.

De voar sem medo, no abismo interior destes seres errantes, nós!

Rodrigo Boccoli

DREAMING FUNCTIONS OF THE MIND DEVELOPED IN ANALYSIS

ABSTRACT: The author starts from an unusual clinical experience and proposes to think about some concepts present in Bion's work, such as dreaming, being and becoming reality. She highlights her pleasure and curiosity for the psychoanalytic clinic and that, in her opinion, it is an extraordinary adventure, for participating, together with our patients, in emotional experiences that evolve and gain meaning as they are lived, dreamed and transformed.

KEYWORDS: dream-for-two, being and becoming reality, dimension of O, dimension of K, at-one-ment.

FUNCIONES DE LA MENTE PARA SOÑAR DESARROLLADO EN ANÁLISIS

RESUMEN: El autor parte de una experiencia clínica inusual y propone pensar algunos conceptos presentes en la obra de Bion, como soñar, ser y devenir realidad. Resalta su gusto y curiosidad por la clínica psicoanalítica y que, en su opinión, es una aventura

extraordinaria, por participar, junto a nuestros pacientes, de experiencias emocionales que evolucionan y cobran significado a medida que son vividas, soñadas y transformadas.

PALABRAS CLAVE: sueño para dos, ser y devenir realidad, dimensión de O, dimensión de K, unificación.

REFERÊNCIAS:

Bion, W. R. (1965). *Transformações – Do Aprendizado ao Crescimento*. Imago Ed., Rio de Janeiro, 2004. (Tradução de Paulo Cesar Sandler).

_____ (1970). *Atenção e Interpretação*. Imago Ed., Rio de Janeiro, 2006. (Tradução de Paulo Cesar Sandler).

Brito, M. G. (2013). Paixão, Turbulência e Crescimento na Clínica Contemporânea. Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Psicanálise em Mato Grosso do Sul.

Cassorla, R. (2015). “O Campo Analítico como Campo do Sonhar”. Comunicação pessoal.

Freud, S. (1937). Análise Terminável e Interminável. In: *S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago.

Ferreira Gullar (2015). Entrevista ao jornal O Estado de São Paulo, no dia 2 de setembro de 2015.

Grotstein, S. J. (2003). *Quem é o sonhador que sonha o sonho? Um estudo de presenças psíquicas*. Rio de Janeiro: Imago ED., 2003.

Hartke, R. (2009). Turbulência Psicológica na Situação Analítica. Conferência de encerramento do Congresso Internacional de Bion – 2009. Publicado em Inglês: Growth and Turbulence Container/Contained. Bion Continuing Legacy-2013. Edited by Howard B. Levine and Lawrence J. Brown.

Levine, B. H. (2015). Psychoanalysis and the Problem of Truth. Comunicação pessoal.

Meltzer, D & Meg H W (1995). *A Apreensão do Belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte*. Tradução de Paulo Cesar Sandler. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994.

Ogden, T. (1997). *Reverie and Interpretation*. Jason Aronson, Inc.

_____ (2015) Intuiting the truth of what’s happening: On Bion’s Notes on Memory and Desire. *Psychoanal. Q*, v.85, n.2, p.285-306,2015.

Silva, M. P. (2013). Pathos: Paixão-Conhecimento-Sofrimento. Texto apresentado no Grupo das Conversas Psicanalíticas na SBPSP.

giseledemattosbrito@gmail.com